

# Grupos e terapia ocupacional

FORMAÇÃO, PESQUISA E AÇÕES

VIVIANE MAXIMINO  
FLAVIA LIBERMAN  
(ORGS.)



*GRUPOS E TERAPIA OCUPACIONAL*  
Formação, pesquisa e ações  
Copyright © 2015 by autores  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Neris**  
Capa: **Buono Disegno**  
Imagem da capa: **Vectomart/Shutterstock**  
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**  
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

**Summus Editorial**  
Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<b>PREFÁCIO</b> .....	7
Samira Lima da Costa	
<b>1 CENAS EM FORMAÇÃO: BUSCANDO NA PRÁTICA OS PRESSUPOSTOS PARA O QUE FAZEMOS COM GRUPOS</b> .....	10
Viviane Maximino e Flavia Liberman	
<b>2 A FORMAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL: CONVERSANDO SOBRE O ENSINO DE GRUPOS E EM GRUPOS</b> .....	27
Maria Luisa Gazabim Simões Ballarin	
<b>3 O GRUPO NA FORMAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL: UMA ÓTICA DAS ALUNAS</b> .....	48
Tainah Iaizzo Longatti, Viviane Maximino, Flavia Liberman e Ana Carolina da Costa Savani	
<b>4 FAZER PARA CONHECER: RELATOS DE UM GRUPO DE JOVENS DA REGIÃO NOROESTE DE SANTOS</b> .....	68
Livia Barbieri Scandiuzi, Viviane Maximino e Flavia Liberman	
<b>5 CARTOGRAFIAS FEMININAS: GRUPO DE MULHERES PELO OLHAR DOS ESTUDANTES</b> .....	88
Yara de Sá, Flavia Liberman, Viviane Maximino e Mauricio Lourenção Garcia	
<b>6 PLANOS GRUPAIS E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: FRICCIONANDO IDEIAS, EMOÇÕES E CONCEITOS</b> .....	115
Flavia Liberman e Viviane Maximino	
<b>7 CONVIVÊNCIA, TRABALHO EM GRUPO, FORMATIVIDADE E PRÁTICAS TERRITORIAIS NA INTERFACE ARTE-SAÚDE-CULTURA</b> . . . .	128
Eliane Dias de Castro, Leonardo José Costa de Lima e Gisela Maria de S. Nigro	

<b>8</b>	<b>AGENCIAMENTOS ENTRE ATIVIDADES, SUJEITOS E GRUPOS EM TERAPIA OCUPACIONAL</b> . . . . .	148
	Renata Caruso Mecca e Marcia Cabral da Costa	
<b>9</b>	<b>UM GRUPO DE TERAPIA OCUPACIONAL: TECENDO VÍNCULOS, CRIANDO MUNDOS</b> . . . . .	166
	Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima	
<b>10</b>	<b>GRUPO DE TERAPIA OCUPACIONAL: ANCORAGEM PARA PESSOAS INTERNADAS EM HOSPITAL GERAL</b> . . . . .	188
	Priscilla Feres Spinola, Thais Valente e Solange Tedesco	
<b>11</b>	<b>RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE CULINÁRIA EM CAPS</b> . . . . .	210
	Maria Inês Britto Brunello e Cristina Freire Weffort	
<b>12</b>	<b>GRUPOS DE TERAPIA OCUPACIONAL EM SAÚDE MENTAL: NOVAS REFLEXÕES</b> . . . . .	226
	Sonia Maria Leonardi Ferrari	
<b>13</b>	<b>CONTORNOS E RELEVOS: ADOLESCÊNCIA E SAÚDE MENTAL</b> . . . . .	238
	Barbara Cristina Mello, Priscilla de Oliveira Luz e Letícia Cohen	
<b>14</b>	<b>BRINCAR EM GRUPO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA CLÍNICA DA TERAPIA OCUPACIONAL COM CRIANÇAS</b> . . . . .	252
	Andrea Perosa Saigh Jurdi e Maria Inês Britto Brunello	
<b>15</b>	<b>GRUPOS NA ATENÇÃO BÁSICA: ENRAIZAR-SE EM UMA COMUNIDADE</b> . . . . .	264
	Stella Maris Nicolau	
<b>16</b>	<b>O CASO “GRUPO TERAPÊUTICO”, OS GRUPOS DE ENCONTRO E A CLÍNICA NA ATENÇÃO BÁSICA À SAÚDE</b> . . . . .	275
	Paula Giovana Furlan	

## Prefácio

ESTA PUBLICAÇÃO BRINDA OS terapeutas ocupacionais com algo que nos é muito caro: um debate profundo e diversificado acerca do trabalho com grupos. Considerando que as reflexões ao longo do livro apresentam detalhadas possibilidades de grupos constituídos com base no encontro terapêutico, trataremos, neste prefácio, dos grupos de onde vêm nossos usuários.

Boa parte do que se procura no processo de terapia ocupacional está relacionada às possibilidades de seguir a vida em grupo – o que é ao mesmo tempo desejável e inevitável. Assim, falamos de grupos de convivência das mais diversas ordens: em família, no trabalho, na igreja, na escola, nos espaços lúdicos, nos eventos pontuais, nos eventos perenes, nas redes virtuais etc.

Dessa forma, o processo identifica o espaço e o tempo do acontecer terapêutico como nichos propícios para a promoção do encontro entre vários sujeitos, ampliando aquilo que seria a dois – e suas subjetividades grupais – para algo vivido por muitos. Os grupos constituem, pois, coletivos de complexidades em movimento, com zonas de contato que justifiquem uma relação identitária temática entre seus membros.

Cabe aqui destacar que nossa definição de atuação profissional parte não apenas da característica específica do sujeito, mas de seu cotidiano, sendo preciso admitir como pressuposto que o dia a dia contemporâneo é povoado por outros sujeitos, outros grupos, outras vidas, de forma que cada usuário que se nos apresenta traz consigo – e em si – uma multidão.

Assim, além de trabalhar o encontro terapêutico com base nas diferentes possibilidades grupais, é relevante compreender o usuário e o terapeuta como sujeitos grupais em si, povoados por múltiplas experiências e relações. As características que os sujeitos trazem para o momento permitem colocar em diálogo as experiências e os grupos dos usuários com as experiências e os grupos do próprio terapeuta.

Ou seja: ao lidar com as relações que as pessoas estabelecem (ou desejam/precisam estabelecer) com suas ocupações cotidianas, o terapeuta ocupacional admite por princípio o trabalho grupal – não como restrição de repertório, mas como tecnologia de cuidado necessária à profissão. Nesse sentido, os grupos com objetivo terapêutico podem ser prévios – grupos de convivência que, por alguma aproximação temática, configuram-se como tal – ou gerados pela atuação terapêutica, com propósitos definidos previamente ou ao longo do processo: pelo terapeuta ou de forma participativa; fechado ou aberto; com ou sem prazo definido etc.

Apesar de tantas possibilidades diferentes, uma coisa é certa: o grupo se constitui como processo terapêutico não por ter um potencial terapêutico inerente, nem pelo fato de o coletivo exercer um poder multiplicador de efeitos terapêuticos, mas porque o terapeuta ocupacional está atento ao cuidado dos participantes, disponível para as mediações e criações e firme no propósito de tornar-se desnecessário às pessoas ali envolvidas.

A terapia ocupacional é, portanto, uma profissão sensível aos traços, pistas, desejos e memórias de cada um. Por trabalhar diretamente com a *relação* existente as pessoas e suas ocupações, a TO não consegue predeterminar o que, de fato, pode se tornar projeto ou recurso terapêutico. Essa impossibilidade é nossa força, é o que nos organiza de fato na especificidade do trabalho com as relações cotidianas entre pessoas e ações/ocupações.

Tal indefinição não deriva da falta de repertório ou de protocolos claros (embora, infelizmente, a proliferação de protocolos de avaliação e prescrição possa diminuir a certeza da impossibi-

lidade, tão rica e potente), mas do fato de que cada um que participa do encontro terapêutico é em si uma multidão. De forma que, o que se constitui *terapêutico* só se define a partir do encontro, entendido como produção de interferências mútuas.

É partindo desses pressupostos que Viviane Maximino e Flavia Liberman oferecem ao leitor um rico painel da terapia ocupacional em grupo. Trata-se, pois, de uma obra sem precedentes no mercado editorial brasileiro. Com experiências, reflexões e propostas teórico-metodológicas vinculadas primeiramente à prática de terapeutas ocupacionais, o presente livro pode ser utilizado também por outros profissionais em situações de interdisciplinaridade.

Boa leitura!

SAMIRA LIMA DA COSTA  
Terapeuta ocupacional e docente da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

# 1 Cenas em formação: buscando na prática os pressupostos para o que fazemos com grupos

Viviane Maximino

Flavia Liberman

SEGUNDA-FEIRA, 8H30. ENTRAMOS NA classe e as alunas estão espalhadas. Algumas conversam, outras mexem no celular, estudam biologia, dormem nas carteiras. Iniciamos. Quem iria apresentar a entrevista hoje? O grupo preparou a dinâmica? Dispersão. Algumas respondem que não conseguiram por esse ou aquele motivo. Sinto-me cansada já no primeiro dia de retorno das minhas breves férias. Comentamos que faz três semanas que não nos encontramos para a aula. Como retomar o grupo?

Iniciamos fazendo a roda. Flavia e eu observamos que algumas já se movimentam para ajudar na arrumação, as mesmas que costumam participar mais. A maioria ainda está bem dispersa. Esperamos em silêncio e, aos poucos, elas vão parando de falar. Apontamos a dispersão e um desafio: “Vocês são as coordenadoras deste grupo. Há uma tarefa – estudar sobre grupos –, observem, sintam. Como vocês estão? O que fariam como coordenadoras agora? Em que estariam pensando?” Silêncio. As professoras começam: “Ai, que aflição, o que é que eu faço agora? Ah, melhor deixar assim, que preguiça! Acho que vou pegar aquela aula que já tenho programada e pronto, mesmo sabendo que elas não vão escutar nada”.

Ideias vão surgindo: “Vamos fazer uma dinâmica, uma brincadeira”. Comentários: “Estou muito cansada”, “Tivemos prova”, “... eu gostaria de uma massagem nos pés”, “Preciso aterrar”, “... acho que seria bom saber mais sobre como cada uma está para saber o que propor”.

Recolhemos esta última ideia – uma palavra de cada uma sobre como está aqui e agora. Começam com a expressão “Eu

preciso”... *de ânimo, de descanso, de diversão, de concentração*. Inventamos o “Jogo do Eu Preciso”, uma primeira atividade grupal que foi criada a partir do movimento provocado pela coordenação, que percebe o estado do grupo.

A atenção e a sensibilidade, acrescidas da história e do contexto do grupo – nesse caso, alunas de terapia ocupacional com as quais já trabalhamos há algum tempo, encontro às segundas de manhã, intervalo de três semanas, época de provas etc. –, indicam-nos um caminho que tem como pressuposto a ideia de que o aprender se constrói ativamente com base no pensamento e no afeto que devem ser produzidos em conjunto. Aprender a ser terapeuta ocupacional e a coordenar grupos por meio da vivência de atividades em grupo que provoquem esse aprendizado.

A partir disso, continuamos pensando alto: o que poderíamos propor que tivesse o efeito de reaproximar o grupo de si mesmo e da aula? Que desse mais ânimo, que divertisse, descansasse, aterrassse? O que poderíamos propor para que as pessoas pudessem organizar uma presença aqui e agora para aprender?

Talvez o primeiro passo para qualquer trabalho com grupos seja criar ou ampliar as possibilidades de estar, mesmo sabendo que o estado de presença é dinâmico, metaestável, um desafio para o coordenador, para a proposta e para os participantes. No trabalho com grupos, uma das habilidades do coordenador está na possibilidade de estabelecer relações com cada um dos participantes e de espalhá-las ou expandi-las para os outros participantes e para a própria instituição.<sup>1</sup> A relação entre cada um dos membros de um grupo muitas vezes se inicia com o terapeuta coordenador para apenas depois tornar-se relação horizontal, entre os participantes. Mas no nosso caso nós, as professoras, é que somos um pouco es-

---

1. O termo “instituição” aqui está sendo usado no sentido de conjunto de relações que estruturam determinados modos de operar, expectativas e respostas. As relações institucionais também incidem sobre a forma de presença nos grupos, atravessando-os (Saidon, O. *et al.*, *Práticas grupais*, Rio de Janeiro, Campos, 1983)

trangeiras. Algumas alunas estudam juntas, já se conhecem, já estabeleceram subgrupos, cristalizaram alguns papéis. Inclusive com a tarefa de estudar e aprender: geralmente passiva, receptiva.

Mas, como já trabalhamos com essa classe há mais de um ano, elas estão habituadas com nossa metodologia. Vamos pensando alto, desvendando nosso próprio raciocínio de terapeutas ocupacionais. Alguém propõe que façamos a brincadeira Adoleta. Fazemos uma rápida análise da atividade com a classe: “Há um contato corporal, um ritmo, uma música, vamos ficar de pé, em roda. Experimentamos?” A aluna coordena explicando a brincadeira, pois a professora diz que não a conhece. O treino de coordenar envolve também aprender a ensinar, colocar-se, desenvolver certa postura, organizar uma presença, um tom de voz, um olhar para o grupo. Brincamos. Quem erra sai.

Provocamos uma nova ideia, uma brincadeira de ritmo com as mãos. Outra aluna explica, mas diz que por o grupo ser muito grande talvez não funcione. As outras dão palpite, agora já estão circulando, falando. “Vamos dividir a sala. Tem de sentar no chão. Eu não quero, estou com roupa de viagem. Então não vai dar para fazer... na carteira não vai funcionar...” Colocamos que a coordenadora tem alguns problemas para resolver. Adaptar a atividade, explicar por que ela deve ser feita dessa ou daquela maneira, conseguir falar com o grupo todo e imprimir um ritmo. Outras habilidades do coordenador de grupos. Nessa brincadeira de batucada é necessário estar bem concentrado, mas quem erra também vai saindo.

Analisamos as atividades com a classe toda de volta às carteiras, em roda. “Como estão sentindo o corpo agora? Como está o clima do grupo?” Comentam que os braços, as mãos e o pensamento estão mais vivos, mais despertos. Porém, o resto do corpo está pedindo algo. Comentam também que nessas brincadeiras as pessoas que iam saindo dispersavam-se de novo. Análise da atividade grupal da única maneira possível: por meio do próprio fazer e sentir, do imaginar essa ação em outras situações e contextos.

Como trazer o resto do corpo? Mais uma ideia: “Siga o mestre” com adivinha. Muitos movimentos, todo o corpo em ação. Todos na roda, mexendo-se e cuidando para repetir o comando do mestre sem olhar para ele. Risos, um clima gostoso.

Eu admirava a capacidade de ensinar sendo terapeuta ocupacional. Observação, registro, hipóteses, conversa, perguntas, pensamento, proposta, análise, reinício do processo constante de pesquisa e produção com as quais fazemos nossa clínica. E íamos, Flavia e eu, anunciando para as alunas esse processo e instigando-as nesse caminhar.

No entanto, eu estava inquieta. Pelo nosso cronograma, hoje deveríamos ver a abordagem psicodinâmica dos grupos, mas eu ficava me perguntando o que essa aula teria que ver com a transferência, contratransferência, conteúdos inconscientes, expressão, comunicação e interpretação, entre outros conceitos.

Ao longo destes anos de trabalho com grupos e docência, fomos restringindo as abordagens teóricas ministradas. Lembrou-me de que no início trazíamos a história do movimento grupalista pela visão da psicologia social, estudávamos Lewin, líamos Bion e detínhamo-nos em Pichon-Rivière. Também trabalhávamos com Moreno e usávamos uma adaptação das ideias de Winnicott feita por Mello Filho. Esse foi o trajeto que fizemos e também o fez a maioria de nossas colegas terapeutas ocupacionais que estudam e trabalham com esse tema. Depois vieram outros autores: Anzieu, Kaes, Lapassade, os argentinos Saidon, Baremlitt, Bauleo, Pavlovsk. E, mais recentemente, Lancetti, Passos e Benevides.<sup>2</sup> Ainda, as autoras brasileiras: Maximino

---

2. Esses autores construíram e constroem conceitos e teorias já muito divulgados entre os profissionais de diversas áreas que se dedicam ao estudo e trabalho com grupos. Há muita bibliografia a esse respeito. Baremlitt, por exemplo, organizou *Grupos: teoria e técnica* (1982), no qual traz um histórico do movimento grupalista na América Latina, apontando as diversas escolas. Paula Furlan, em sua tese de doutorado *Os grupos na atenção básica à saúde: uma hermenêutica da prática clínica e da formação profissional* (2012), também cita alguns desses autores como referência para a formação de profissionais.